

# TRÊS RECORTES DE CENA

Francisca Luciana Sousa da Silva

**FRANCISCA LUCIANA SOUSA DA SILVA** é graduada em Letras / Português pela Universidade Federal do Ceará (2002) e Mestra em Letras – Literatura Comparada (2015) pela mesma instituição. Especialista em Estudos Clássicos pela UnB / Archaí (2013). Doutora em Letras – Estudos Literários pela UFMG (2021). Professora, revisora e poeta. Pesquisadora associada ao Núcleo de Cultura Clássica da UFC). Colaboradora do Grupo Paideia (com passagem por este por dez anos como professora e atriz/bonequeira e junto ao Instituto Dédalus na pós-graduação) e da Companhia Crisálida de Teatro (curadoria). Passagem também pela Cia. Palmas de Teatro (2011-2013). Integrou o elenco da radionovela “A Eneida é uma Fanfic”, de Isadora Ramalho, que foi ao ar em 2021 pelo YouTube e Spotify. No mesmo ano concluiu o Curso de Princípios Básicos de Teatro (CPBT) do Teatro José de

Alencar, cujo produto final foi o filme Entrelace, com direção de Joca Andrade, Juliana Veras e Neidinha Castelo Branco. Tem experiência nas áreas de Língua Portuguesa, com ensino e revisão de texto; Literatura e Artes, com ênfase em Mitologia Comparada e Contação de Histórias (trabalho voluntário nos projetos Histórias por Telefone do Rio e do Ceará durante a pandemia de Covid-19 em 2020). Atualmente participa do Grupo de Estudos da Língua de Eros (GELE), vinculado ao PPGLetras-UFC, do clube de leituras cecilianas Vaga Música (BH) e do Coletivo Lazarus (CE). Tem poemas publicados nas seguintes antologias: XX Prêmio Ideal Clube de Literatura – Prêmio José Telles – Destaque (2018), Antologia do Festival da Poesia de Fortaleza – II Edição (2019), 2º Prêmio Literário Afeigraf 2020. Outros poemas no Portal Fazia Poesia <<https://faziapoesia.com.br/>>.

O texto *Três recortes de cena* é parido via troca de mensagens por WhatsApp, em processo de criação coletiva do 4º Módulo do Curso Princípios Básicos de Teatro, do Teatro José de Alencar, em Fortaleza (CE), ao longo de setembro de 2021. *In progress.*

### TRÊS RECORTES DE CENA

[17:18, 15/09/2021] Francisca L S Silva: **Primeiro recorte.** *Doralice nasce de um espanto.* Um retrato em praça pública, seu rosto quase sorrindo e em destaque DESAPARECIDA. A suspeita é de sequestro. Mas quem sequestraria uma babá? E por que o faria?

[17:25, 15/09/2021] Francisca L S Silva: **Segundo recorte.** *Doralice é um assombro.* Vítima de abuso na infância, converte-se em aliciadora de menores. Foi o meio que encontrou para sair da miséria. A dor transformada em sustento. Amargura-se com isso, faz penitência. No cativeiro, lembra-se da amiga Dulce: “Doce Dulce, por onde andará? Tão cedo fomos apartadas uma da outra... ainda éramos crianças felizes nessa época. Nossa vida seria diferente se tivéssemos crescido juntas? Eu teria coragem de fazer com você o que fiz com aquele menino? Ô, Dulce, se você soubesse a verdade sobre mim, ainda seria minha amiga? Eu teria ou mereceria seu perdão?” Lembra-se também de como embalava o menino. Canta até adormecer.

[17:32, 15/09/2021] Francisca L S Silva: **Terceiro recorte.** *Doralice: dor e náusea.* Uma balada terna da infância dá lugar à melodia agônica. Um carinho fortuito convertido em obsessão. Não há pedido de resgate: a vítima virou algoz. Ele a quer só para si. Ela o quer mais longe. Tenta fugir. Pensa em matar-se, mas sempre lembra de Dulce. A lembrança do sorriso da amiga dá-lhe ânimo: “Ela não desistiria!”. Consegue escapar. Reencontrará sua amiga? Terá seu perdão? Ou seguirá fazendo o mesmo sob outro nome, em outra cidade, como tantas vezes fez?

**POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE DORALICE E DULCE  
APÓS REENCONTRO**

(INT. CASA/MEET)

– Dora!

– Dulce!

– Graças a Deus! Eu pedi tanto a Nossa Senhora! Ela nunca abandona os seus... Ele te machucou? Como você está?

– Agora estou bem, Dulce. Principalmente porque finalmente pude te reencontrar!

– Eu também estou tão feliz! Eu te procurei tanto, Dora!

– Eu senti tanto, tanto a tua falta... Achei que nem lembrasse mais de mim...

– E eu poderia te esquecer, o meu anjinho, era como te chamava na infância, lembra?

– Lembro sim...

– Eu escrevi várias cartas, mas sempre dava ENDEREÇO ERRADO ou MUDANÇA DE ENDEREÇO. Acabei guardando todas na esperança de um dia te entregar pessoalmente. Só uma não voltou, foi mais ou

menos na época do sequestro. Pouco antes você me escreveu, demorou pra chegar, nem sabia que tinha meu endereço, mas num tom tão cerimonioso que estranhei!

– Dulce...

– Por que está chorando, Dora? Já passou! Agora não vamos mais nos separar!

– Eu preciso te contar... algo sobre mim...

– Claro! Temos todo o tempo do mundo! Vem, vamos lavar esse rosto, botar uma roupa bem bonita e...

– Dulce! Me escuta! Quem primeiro machucou o coveiro, Lázaro, fui eu! E poderia ter feito o mesmo com você se não tivéssemos sido separadas na infância. Entende agora?

– Do que está falando, Dora? Como poderia machucar alguém que nem conhecia?

– Você e todos os outros pensam que eu não o conhecia... Já faz muito tempo... Logo que nos mudamos, fomos morar numa ocupação. Meus pais estavam desempregados, passei a cuidar dos meus irmãos e de outras crianças. Levava muito jeito, sabe. Um dia, passaram o trator nos barracos. Houve reação dos moradores, interditaram a BR-116, aí chamaram a polícia. Na confusão, alvejaram meu pai. Morreu na hora. Minha mãe surtou e eu fiquei só. Nem sei que fim

levaram meus irmãos. Eram sete. Um dia, no meio dos escombros, vi um menino, parecia uma rolinha assustada! Trazia uma bolsa velha do lado onde despejava o que encontrasse de algum valor: pilha, carregador, plástico, garrafa de vidro. Catava lixo pra sobreviver e alimentar a irmã ainda bebê. Em poucos dias ela faleceu. Ainda estava no peito quando a mãe foi assassinada pelo pai. Esse caiu no mundo. Aí ficamos eu e o menino cuidando um do outro. Era Lázaro.

– Então por que disse que machucou ele se na verdade fez foi cuidar dele, Dora, quando não tinham mais ninguém?!

– Você... quer mesmo saber? Está disposta a me ouvir?

– Claro! Sou sua amiga!

– Não sei se ainda será depois do que vou dizer.

– Vamos, fale logo, já está me dando uma agonia!

– Dulce... muito cedo eu fui abusada, ainda criança, na verdade. Tinha medo, vergonha, não falava pra ninguém. Acabei caindo numa rede de exploração infantil: trabalho doméstico para as meninas, no sinal para os meninos. Mas não parava por aí.

– Que horror, Dora!

– Também sofríamos todo tipo de abuso. À medida que fui ficando maior, passaram a exigir que eu conduzisse crianças menores para

satisfazer as vontades daquela gente doente. Resisti, a princípio, achava feio, mas prometiam que era só por um tempo, perguntavam o que eu mais queria, caí na besteira de dizer: uma casa grande com jardim.

– E o Lázaro?

– Tentei livrá-lo o quanto pude. Sabe aquela canção que eu costumava cantar sem saber de onde vinha? Acho que sonhei com ela... Também passei a cantar pra ele. Mas um dia, souberam do menino e exigiram que eu o iniciasse... nisso... Havia um homem muito rico que só sentia prazer vendo... esse tipo de relação. Eu já era uma adolescente, mas Lázaro... O homem estava disposto a pagar o que eu quisesse. Era a chance de sair daquela miséria e começar uma vida nova em outro lugar...

– Dora...

– Fugi depois disso. Perdi Lázaro de vista. Acho que nem o conhecia pelo nome, só o chamava de “meu menino”... Sofri vários abortos, nunca levei uma gravidez adiante, nem mesmo quando quis. Tentei me reerguer, estudar, ter uma vida decente e honesta, mas sempre era encontrada por alguém da quadrilha que me obrigava a fazer coisas torpes. Por fraqueza, necessidade ou sabe-se lá mais o quê, não encontrava força pra resistir, denunciar. Quantas e quantas crianças que tão zelosamente eu cuidei foram parar nas mãos de monstros: juízes, médicos, delegados, deputados, madames de alta classe, padres e também pastores... Eu sei, Dulce, é terrível, eu também sou

um monstro! Eu me sinto suja por isso! Você entende agora? Será que ainda mereço a sua amizade? Sou digna do seu perdão? Dulce? Dulce?

— ...

(FIM DA CHAMADA)